

OS GRANDES VULCÕES

Arte, verdade e política [versão vídeo-teatro]

Roteiro de Fernando Kinas a partir do texto de Harold Pinter, lido pelo autor e exibido em vídeo na entrega do Prêmio Nobel de Literatura em 2005.

*Que tempos são esses, em que
Falar de árvores é quase um crime
Pois implica silenciar sobre tantas barbaridades?*

Bertolt Brecht

Discurso cênico para uma atriz premiada.

O espaço deve ser sóbrio, com pouca distância entre a cena e a plateia. Além de um grande globo terrestre com os nomes dos países, especialmente os citados no texto, podem ser utilizadas algumas confortáveis almofadas, destinadas ao público.

I.

A atriz está vestida como Harold Pinter. Mirando a câmera.

Meu nome é Harold Pinter. E eu sou uma atriz. *[Meio sorriso.]*

Em 1958, eu escrevi o seguinte:

"Não existe grande diferença entre o que é real e o que é irreal, nem entre o que é verdadeiro e o que é falso. Uma coisa não é necessariamente verdadeira ou falsa; ela pode ser tanto falsa quanto verdadeira".

[Faz uma referência a ser Harold Pinter.]

Eu acredito que essas afirmações ainda fazem sentido e certamente se aplicam à exploração da realidade por meio da arte. Então, como escritor, eu as defendo, mas não como cidadão. Como cidadão eu devo perguntar: O que é verdadeiro? O que é falso?

A verdade, no teatro, é sempre ilusória.

[A atriz comenta Harold Pinter, para isso ela pode tirar uma peça do figurino, como os óculos, que voltará a ser usada na sequência.]

A verdade, no teatro, nem sempre é ilusória. Ilusório, sempre, é só o teatro.

[Música A caminhar e quase voo, interrompido bruscamente.]

Daqui meia hora ou quarenta minutos eu vou voar, diante de vocês, dizendo um poema. Tentem ficar comigo até lá...

Eu repito: A verdade, no teatro, nem sempre é ilusória. Ilusório, sempre, é só o teatro.

[Volta a ser Harold Pinter] Você nunca encontra a verdade completamente, mas a busca por ela é compulsiva. A busca é o que impulsiona o esforço. A busca é sua tarefa. Frequentemente, você tropeça na verdade, no escuro, esbarrando nela ou apenas vislumbrando uma imagem ou uma forma que parece corresponder à verdade, muitas vezes sem perceber que é isso que você fez. Mas a verdade real é que nunca existe uma única verdade na arte dramática. Existem muitas. Essas verdades se desafiam umas às outras, recusam-se umas às outras, refletem-se umas nas outras, ignoram-se umas às outras, provocam-se umas às outras, são cegas umas para as outras. Às vezes, você sente que tem a verdade de um momento em suas mãos, então ela escorre entre os dedos e se perde.

Muitas vezes me perguntaram como minhas peças surgem. Eu não sei dizer. Nem saberia resumir nenhuma das minhas peças, exceto para dizer que foi isso que aconteceu. Isso que eles disseram. Isso que eles fizeram.

A maioria das peças é gerada por uma fala, uma palavra ou uma imagem. A palavra é, muitas vezes, seguida logo depois por uma imagem. Eu vou dar dois exemplos de falas que me vieram à cabeça de forma inesperada, seguidas de uma imagem, seguidas por mim.

As peças são *A Volta ao Lar* [*The Homecoming*] e *Antigamente* [*Old Times*]. A primeira fala de *A Volta ao Lar* é:

"O que você fez com a tesoura?"

A primeira fala de *Antigamente* é:

"Escuro".

Nos dois casos, eu não tinha outras informações.

No primeiro caso, alguém estava obviamente procurando por uma tesoura e exigia saber onde ela estava de alguém que ele suspeitava que, provavelmente, a tinha roubado. Mas eu, de alguma forma, sabia que a pessoa interrogada não dava a mínima para a tesoura, nem para a pessoa que perguntava.

"Escuro" me pareceu ser a descrição do cabelo de alguém, o cabelo de uma mulher, e era a resposta a uma pergunta. Em cada caso, eu me vi obrigado a prosseguir com o assunto. Isso aconteceu visualmente, uma transição muito lenta, da sombra para a luz.

Eu sempre começo uma peça chamando as personagens de A, B e C.

Na peça que se tornou *A Volta ao Lar*, eu vi um homem entrar em uma sala sóbria e dirigir sua pergunta a um homem mais novo, sentado em um sofá feio, lendo um jornal de corrida de cavalo. De alguma maneira eu suspeitava que A fosse o pai e B, seu filho, mas não tinha provas. Só convicções. Isso foi, contudo, confirmado pouco tempo depois, quando B (que depois se tornará Lenny) diz a A (que depois se tornará Max):

"Pai, você se importa se eu mudar de assunto? Eu queria perguntar uma coisa. Aquilo que a gente acabou de comer, qual era o nome? Que nome você dá pr'aquilo? Por que você não compra um cachorro? Você é cozinheiro de cachorro. De verdade. Você acha que tá cozinhando para um bando de cachorros?"

Então, uma vez que B chama A de "Pai", me pareceu razoável supor que eles eram pai e filho. A era, claramente, o cozinheiro e sua comida não parecia ter uma reputação muito boa. Isso queria dizer que não havia uma mãe? Eu não sabia. Mas, como eu dizia para mim mesmo na época, nossos começos nunca conhecem nossos fins.

Nossos começos nunca conhecem nossos fins.

"Escuro". Uma janela grande. Céu crepuscular. Um homem, A (que depois se tornará Deeley), e uma mulher, B (que depois se tornará Kate), sentados com bebidas. "Gorda ou magra?", o homem pergunta. De quem eles estão falando? Mas, então, eu vejo, na janela, uma mulher, C (que depois se tornará Anna), em outro tipo de luz, de costas para os dois, com cabelo escuro.

É um momento estranho, o momento da criação das personagens que, até aquele instante, não existiam. O que se segue é vago, incerto, até alucinatório, embora às vezes possa ser uma avalanche incontrolável. A posição do autor é estranha. Em certo sentido, ele não é bem-vindo pelas personagens. As personagens resistem a ele, elas não são fáceis de conviver, elas são impossíveis de definir. É impossível dar ordens a elas. Em certo sentido, você joga com elas um jogo interminável, gato e rato, cabra-cega, esconde-esconde. Mas, finalmente, você percebe que tem pessoas de carne e osso nas mãos, pessoas com vontade e sensibilidade próprias, feitas de partes que você não pode mudar, manipular ou distorcer.

Então, a linguagem na arte continua sendo uma operação altamente ambígua, uma areia movediça, um trampolim, uma piscina congelada que pode ceder sob você, o autor, a qualquer momento.

Mas, como eu disse, a busca pela verdade nunca pode parar. Ela não pode ser interrompida, não pode ser adiada. Ela deve ser encarada ali mesmo, de frente.

O teatro politizado apresenta um conjunto de problemas totalmente diferente. É preciso evitar a todo custo os sermões. A objetividade é essencial. As personagens - se existirem personagens, eu, Harold Pinter - devem poder respirar seu próprio ar. O autor não pode confiná-las e obrigá-las a satisfazer

seu gosto pessoal, ou sua vontade, ou seus preconceitos. Ele deve estar preparado para se aproximar delas a partir de uma variedade de ângulos, de uma gama completa e desinibida de perspectivas, pegá-las de surpresa, talvez, ocasionalmente, mas, mesmo assim, dar a elas a liberdade de seguir o caminho que quiserem. Nem sempre isso funciona. E a sátira política, é claro, não obedece a nenhum desses preceitos. Na verdade, ela faz exatamente o oposto, que é a sua verdadeira função.

Na minha peça *Festa de Aniversário (The Birthday Party)*, eu acho que deixo uma gama de opções operar numa densa floresta de possibilidades antes de me concentrar finalmente em um ato de dominação.

Língua da Montanha (Mountain Language) não pretende ter a mesma gama de opções. Ela é brutal, breve e feia. Mas os soldados na peça conseguem se divertir um pouco. Às vezes esquecemos que os torturadores se entediam facilmente. Eles precisam rir um pouquinho para se animar. Isto foi confirmado, claro, pelos acontecimentos de Abu Ghraib, no Iraque. *Língua da Montanha* dura apenas 20 minutos, mas poderia se estender por horas e horas e mais horas, o mesmo padrão se repetindo muitas e muitas vezes, durante horas e horas.

II.

[Música. Hendrix e o hino? ou For What It's Worth? O globo terrestre passa a ter posição de destaque na cena.]

A linguagem política, como usada pela maioria dos políticos, não se aventura por nenhum desses territórios, os territórios da verdade, uma vez que a maioria dos políticos, pelas evidências de que dispomos, está interessada não na verdade, mas sim no poder e na manutenção desse poder.

[A atriz comenta Harold Pinter.] A maioria dos políticos age assim. Não todos. Alguém já disse que aqueles que não gostam de política serão governados por aqueles que gostam.

[Voltando a ser Harold Pinter.] Para manter o poder é essencial manter as pessoas na ignorância, fazer com que vivam na ignorância da verdade, até mesmo da verdade de suas próprias vidas. O que nos rodeia, portanto, é um vasto tecido de mentiras, sobre o qual nos saciamos.

Como todos aqui sabem, a justificativa para a invasão do Iraque *[globo]* era de que Saddam Hussein possuía um arsenal extremamente perigoso de armas de destruição em massa *[mostra um frasco para material químico, conforme foto de Colin Powell]*, algumas poderiam ser disparadas em 45 minutos, provocando uma destruição terrível.

Garantiram para nós que era verdade. Não era verdade.

Disseram que o Iraque mantinha relações com a Al-Qaida e compartilhava com ela a responsabilidade pelas atrocidades do 11 de setembro de 2001, em Nova York.

Garantiram para nós que era verdade. Não era verdade.

Disseram que o Iraque ameaçava a segurança do mundo.

Garantiram para nós que era verdade. Não era verdade.

A verdade é algo completamente diferente. A verdade diz respeito à forma como os Estados Unidos entendem seu papel no mundo e o jeito como decidem assumi-lo.

Mas antes de voltar ao presente, eu quero olhar para o passado recente, e assim me referir à política externa dos Estados Unidos desde o fim da 2ª Guerra Mundial. Eu acredito que é nossa obrigação submeter esse período a pelo menos algum tipo de exame, ainda que limitado, que é tudo o que o tempo irá permitir aqui.

[A atriz utiliza o globo terrestre.]

Todos sabem o que aconteceu na União Soviética e em todo o leste europeu no pós-guerra: brutalidade sistemática, atrocidades generalizadas, supressão impiedosa do pensamento independente. Tudo isso foi amplamente documentado e comprovado.

Mas minha argumentação aqui é que os crimes dos Estados Unidos no mesmo período foram registrados apenas superficialmente, foram muito menos documentados, muito menos reconhecidos, muito menos admitidos como crimes. Eu acredito que isso precisa ser tratado e que a verdade tenha relação direta com a situação atual do mundo. Embora restritas até certo ponto pela existência da União Soviética, as ações dos Estados Unidos pelo mundo afora deixavam claro que eles haviam chegado à conclusão de que tinham carta branca para fazer o que quisessem.

A invasão direta de um Estado soberano nunca foi, de fato, o método favorito dos Estados Unidos. De modo geral, eles sempre preferiram o que chamam de "conflito de baixa intensidade".

Conflito de baixa intensidade significa que milhares de pessoas morrem, mas mais lentamente do que se você jogasse uma bomba nelas de uma só vez. Isso significa que você contamina o coração do país, que você inocula um tumor maligno e observa a gangrena florescer. Quando o povo for subjugado, ou espancado até a morte - é a mesma coisa -, e seus próprios amigos, militares e grandes corporações sentarem-se confortavelmente no poder, você vai diante das câmeras *[fala pausadamente para a câmera]* e diz que a democracia prevaleceu.

[Música. Talvez The revolution not be televised, Scott-Heron.]

III.

[A atriz utiliza o globo terrestre. Mostra a região da Nicarágua. Música diminuiu aos poucos.]

A tragédia da Nicarágua foi um caso muito significativo. Eu decidi apresentá-la aqui por que é um bom exemplo de como os Estados Unidos entendem seu papel no mundo, naquela época como agora.

Eu estive presente em uma reunião na embaixada dos Estados Unidos em Londres, no final dos anos 1980.

O Congresso dos Estados Unidos ia decidir se concedia mais verbas para os Contras em sua campanha de oposição ao governo da Nicarágua. Eu participava da delegação que representava a Nicarágua, porém o membro mais importante era o padre John Metcalf. O chefe do corpo diplomático estadunidense era Raymond Seitz *[foto de Raymond Seitz ou equivalente]* Na época, ele era o número dois da embaixada; antes de se tornar embaixador).

O padre Metcalf disse: "Senhor, sou responsável por uma paróquia no norte da Nicarágua. Meus paroquianos construíram uma escola, um centro de saúde e uma casa de cultura. Vivíamos em paz. Alguns meses atrás, um grupo de Contras atacou a paróquia. Eles destruíram tudo: a escola, o centro de saúde, a casa de cultura. Eles estupraram enfermeiras e professoras, assassinaram médicos da maneira mais brutal possível. Comportaram-se como selvagens. Por favor, exija que o governo dos Estados Unidos retire seu apoio a essas terríveis atividades terroristas."

[Foto de Raymond Seitz.]

Raymond Seitz tinha uma excelente reputação de homem racional, responsável e muito sofisticado. Ele era bastante respeitado nos círculos diplomáticos. Ele ouviu, fez uma pausa e disse então com certa gravidade: "Padre", disse ele, "deixe-me dizer-lhe uma coisa. Na guerra, os inocentes sempre sofrem".

Houve um silêncio glacial. Nós o encaramos. Ele não hesitou. Inocentes, de fato, sempre sofrem.

Finalmente, alguém disse: "Mas, neste caso, os 'inocentes' foram vítimas de uma atrocidade hedionda subsidiada pelo seu governo, uma entre muitas. Se o Congresso conceder mais dinheiro aos Contras, outras atrocidades do mesmo tipo acontecerão. Não é verdade? Portanto, o seu governo não é culpado por apoiar assassinatos em um Estado soberano?"

Seitz estava impassível. *[Foto dele novamente.]* "Não creio que os fatos, conforme apresentados, justifiquem suas afirmações", disse ele.

Quando estávamos saindo da embaixada, um assessor dos Estados Unidos me disse que gostava das minhas peças. Não respondi.

Eu devo lembrá-los que, na época, o presidente Reagan deu a seguinte declaração: "Os Contras são o equivalente moral dos nossos Pais Fundadores."

[A atriz comenta Harold Pinter.] Eu não sei se Harold Pinter pensou nisso, mas Reagan tem, de fato, alguma razão: Jefferson, Franklin, Washington, talvez tenham algo em comum com as milícias terroristas e os mercenários que atuavam na Nicarágua combatendo a revolução sandinista.

[Voltando a ser Pinter.] Os Estados Unidos apoiaram a ditadura brutal de Somoza na Nicarágua durante mais de quarenta anos. Os nicaraguenses, liderados pelos sandinistas, derrubaram o regime em 1979 numa revolução popular de tirar o fôlego.

Os sandinistas não eram perfeitos. Tinham sua cota de arrogância e sua filosofia política continha uma série de elementos contraditórios. Mas eles eram inteligentes, racionais e civilizados. Eles se propuseram a estabelecer uma sociedade estável, decente e pluralista. A pena de morte foi abolida. Centenas de milhares de camponeses extremamente pobres foram resgatados da morte. Mais de 100.000 famílias obtiveram título de terra. Foram construídas duas mil escolas. Uma notável campanha de alfabetização reduziu o analfabetismo no país para menos de 15%. Escolas e serviços de saúde eram gratuitos. A mortalidade infantil foi reduzida em um terço. A poliomielite foi erradicada.

Os Estados Unidos denunciaram esses feitos históricos como subversão marxista-leninista. Aos olhos do governo dos EUA, criava-se assim um exemplo perigoso.

[A atriz comenta Harold Pinter.] É preciso reconhecer, os Estados Unidos tinham razão.

[Voltando a ser Pinter.] Eu me referi antes ao "tecido de mentiras" que nos rodeia. O presidente Reagan costumava descrever a Nicarágua como "masmorra totalitária". A mídia, de modo geral, e certamente o governo britânico, consideravam a observação precisa e bem aplicada. Porém, não havia registro algum de esquadrões da morte no governo sandinista. Não havia registros de tortura. Não havia nenhum registro de brutalidades militares sistemáticas ou oficiais. Nenhum padre foi assassinado na Nicarágua. Na verdade, havia três padres no governo, dois jesuítas e um missionário da ordem Maryknoll. As masmorras totalitárias ficavam nos países vizinhos, El Salvador e Guatemala. Os Estados Unidos depuseram o governo guatemalteco, eleito democraticamente, em 1954 e se estima que mais de 200 mil pessoas tenham sido vítimas de sucessivas ditaduras militares.

O arcebispo Romero, um homem de coragem extraordinária, foi assassinado em El Salvador enquanto rezava a missa. Calcula-se que 75.000 pessoas tenham morrido nesse país.

E por que elas foram mortas?

Elas foram mortas porque acreditavam que uma vida melhor fosse possível e que deveriam alcançá-la. Essa crença as qualificava imediatamente como comunistas. Elas morreram porque ousaram questionar o *status quo*, a eterna perspectiva de pobreza, doença, degradação e opressão herdadas desde o berço.

Os Estados Unidos finalmente derrubaram o governo sandinista. Levou alguns anos e uma resistência considerável, mas a perseguição econômica implacável e 30.000 mortos enfraqueceram finalmente o espírito do povo nicaraguense. Eles estavam exaustos e a miséria voltou. Os cassinos voltaram ao país. As escolas e os serviços de saúde deixaram de ser gratuitos. Os grandes negócios retornaram como uma vingança. *[Música For what it's worth.]* A "democracia" tinha prevalecido.

[A atriz utiliza o globo terrestre.]

Mas essa "política" não se restringia de modo algum à América Central. Ela foi aplicada no mundo todo. Não tinha nenhum limite. E era como se jamais tivesse acontecido.

Os Estados Unidos apoiaram e, em muitos casos, produziram dezenas de ditaduras militares em todo o mundo depois da 2ª Guerra Mundial. Eu me refiro ao Irã, Indonésia, Grécia, Uruguai, Brasil, Paraguai, Haiti, Turquia, Filipinas, Guatemala, El Salvador e, é claro, ao Chile.

O horror que os Estados Unidos impuseram ao Chile, em 1973, não se apagará e não se perdoará jamais.

[Áudio e/ou vídeo de Salvador Allende.]

"Yo les digo a ustedes, compañeros, compañeros de tantos años, se los digo con calma, con absoluta tranquilidad: yo no tengo pasta de apóstol ni tengo pasta de Mesías, no tengo condiciones de mártir, soy un luchador social que cumple una tarea, la tarea que el pueblo me ha dado; pero que lo entiendan aquellos que quieren retrotraer la Historia y desconocer a la voluntad mayoritaria de Chile: sin tener carne de mártir, no daré un paso atrás; que lo sepan: dejaré La Moneda cuando cumpla el mandato que el pueblo me diera."

"Les pido que se vayan a sus casas con la alegría sana de la limpia victoria alcanzada y que esta noche, cuando acaricien a sus hijos, cuando busquen el descanso, piensen en el mañana duro que tendremos por delante, cuando tengamos que poner más pasión, más cariño, para hacer cada vez más grande a Chile, y cada vez más justa la vida en nuestra patria."

Centenas de milhares de mortes aconteceram nesses países. Elas aconteceram de fato? Deve-se atribuí-las em todos os casos à política externa dos Estados Unidos? A resposta é sim, elas aconteceram, e são de responsabilidade da política externa dos Estados Unidos.

Mas vocês não saberiam nada disso.

Isso nunca aconteceu. Nada nunca aconteceu. Mesmo quando acontecia não estava acontecendo. Não importava. Não tinha interesse. Os crimes praticados pelos Estados Unidos são sistemáticos, constantes, impiedosos, mas muito pouca gente toca no assunto. É por obra dos Estados Unidos que é assim. Eles têm exercido uma manipulação bastante clínica do poder em todo o mundo enquanto se disfarça de força para o bem universal. Trata-se de uma sessão de hipnose brilhante, engenhosa mesmo, e muito bem-sucedida.

Perceba como todos os presidentes americanos quando vão à televisão dizem "o povo americano", como na seguinte frase: "Digo ao povo americano que é hora de rezar e de defender os direitos do povo americano. E eu peço ao povo americano que confie no seu presidente naquilo que ele em breve fará em nome do povo americano."

É um estratagema brilhante. Emprega-se a linguagem para manter o pensamento em xeque. *[A atriz utiliza uma almofada.]* As palavras "o povo americano" funcionam como uma espécie de almofada bem voluptuosa e tranquilizadora. Você não precisa pensar. Basta recostar na almofada. Ela talvez sufoque sua inteligência e suas faculdades críticas, mas é muito confortável. Isto, é claro, não se aplica aos 40 milhões de pessoas que vivem abaixo da linha da pobreza e aos 2 milhões de homens e mulheres aprisionados no vasto gulag de prisões que se estendem pelos Estados Unidos.

[Música. Comentários a Respeito de John, Belchior.]

[A atriz deixa a almofada com o público e comenta Harold Pinter. Ela tem 45 segundos antes de iniciar a voz do Belchior.] Saia do meu caminho. *[Pausa.]* Eu prefiro andar sozinho. *[Pausa.]* Deixem que eu decida a minha vida. Não preciso que me digam de que lado nasce o sol, porque bate lá meu coração.

IV.

Os Estados Unidos não se incomodam mais com o conflito de baixa intensidade. Eles não veem mais vantagem alguma em se manter reticentes ou mesmo distantes. Eles agora põem as cartas sobre a mesa sem nenhum tipo de escrúpulo. Eles simplesmente não ligam para as Nações Unidas, para a lei internacional ou para a dissidência crítica, que eles consideram impotentes e irrelevantes. Eles também têm seu próprio carneirinho, que os segue balindo pela coleira, o patético e servil Reino Unido.

[A atriz utiliza o globo terrestre.]

Olhem Guantánamo. Centenas de pessoas detidas sem nenhuma acusação durante anos, sem direito à representação e processo legal justo, tecnicamente

detidas para sempre. Essa estrutura completamente ilegítima é mantida em desrespeito à Convenção de Genebra. Ela não apenas é tolerada, como é raramente pensada pela chamada "comunidade internacional". Essa afronta criminosa é perpetrada por um país que se autodeclara "líder do mundo livre".

Nós pensamos nos habitantes de Guantánamo? O que a mídia diz sobre eles? Eles aparecem de vez em quando - uma nota na página seis. Eles foram destinados a uma terra de ninguém, da qual talvez nunca retornem. Atualmente, muitos estão em greve de fome e são alimentados à força. Não há sutilezas nesses procedimentos. Sem sedativos ou anestésicos. Apenas um tubo enfiado no nariz até a garganta. Você vomita sangue. Isso é tortura. O que o primeiro-ministro britânico disse a esse respeito? Nada. Por quê? Porque os Estados Unidos disseram: criticar nossa conduta em Guantánamo constitui uma atitude hostil. Ou vocês estão conosco ou estão contra nós. Então Tony Blair fechou a boca.

A invasão do Iraque foi um ato de banditismo [*mostra o frasco para material químico*], um ato de terrorismo de Estado flagrante, demonstrando desprezo absoluto pelo conceito de direito internacional. A invasão foi uma ação militar arbitrária, inspirada por uma série de mentiras em cima de mentiras e grosseira manipulação da mídia e, portanto, manipulação do público; um ato para consolidar o controle militar e econômico dos Estados Unidos no Oriente Médio travestindo-o - como último recurso, já que todos os outros falharam - de libertação.

Levamos ao povo iraquiano a tortura, bombas de fragmentação, urânio empobrecido, incontáveis assassinatos aleatórios, miséria, degradação e morte e a isso chamamos: "levar a liberdade e a democracia ao Oriente Médio".

Quantas pessoas é preciso matar para merecer o título de assassino de multidões e criminoso de guerra? Cem mil? Portanto, é justo que Bush e Blair sejam denunciados ao Tribunal Internacional de Justiça. Bush, porém, foi mais esperto. Ele não ratificou o Tribunal Internacional de Justiça. Portanto, se qualquer soldado norte-americano, ou um político qualquer, for levado ao banco dos réus, Bush já avisou que enviará a tropa, os Marines. Tony Blair, porém, ratificou o Tribunal e pode, portanto, ser processado. Podemos dar seu endereço ao Tribunal, se ele se interessar. É rua Downing, número 10, Londres.

A morte neste contexto é irrelevante. Tanto Bush quanto Blair colocam a morte no último lugar da sua lista de preocupações. Pelo menos 100.000 iraquianos foram mortos por bombas e mísseis americanos antes do início da insurgência do Iraque. Essas pessoas não têm importância alguma. A morte delas não existe. Elas são lacunas. Não há sequer registro de suas mortes.

[*Mostra uma foto do general Franks, pode estar no verso da foto de Raymond Seitz.*]

"Não contamos corpos", disse o general americano Tommy Franks.

Logo no início da invasão os jornais britânicos publicaram na primeira página uma foto de Tony Blair dando um beijo no rosto de um menino iraquiano. "Uma criança agradecida", dizia a legenda. Poucos dias depois os jornais publicaram nas páginas centrais a história e a fotografia de outro garotinho, de quatro anos, com os braços amputados. Sua família havia sido atingida por um míssil. Ele foi o único sobrevivente.

Nós não vamos mostrar estas fotos.

"Quando eu vou ter meus braços de volta?", o menino perguntou.

A história não teve eco. Tony Blair não estava segurando o menino nos braços, tampouco segurava o corpo de outra criança mutilada, muito menos um cadáver ensanguentado. Sangue é sujo. Suja a camisa e a gravata quando você está proclamando um discurso sincero na televisão.

Os dois mil americanos mortos são motivo de constrangimento. Eles são transportados para suas sepulturas na penumbra. Os funerais são discretos, realizados em local seguro. Os mutilados apodrecem em seus leitos, alguns pelo resto de suas vidas. Então, tanto os mortos quanto os mutilados apodrecem em diferentes tipos de sepulturas.

[Música. ¿a dónde van...?, Silvio Rodrigues.] [Chuva, uma fina e persistente chuva...]

Pablo Neruda, *Explico algumas coisas*:

E numa certa manhã tudo ardia,
numa manhã o fogo saltava da terra
devorando os seres,
e desde então fogo,
pólvora desde então,
e desde então sangue.

Bandidos com aviões e mouros,
bandidos com anéis e duquesas,
bandidos com frades de preto abençoando
vinham pelo céu matar crianças,
e pelas ruas o sangue das crianças
corria simplesmente, como sangue de crianças.

Chacais que o chacal desprezaria,
pedras que o cardo seco morderia e cuspiria,
víboras que as próprias víboras odiariam!

Face a face com vocês vi o sangue
da Espanha erguer-se
para afogá-los em uma só onda
de orgulho e de facas!

Generais traidores:

vejam minha casa morta,
vejam a Espanha dilacerada:

porém de toda casa morta sai um metal que arde,
em vez de flores,
porém de cada ferida da Espanha a Espanha emerge
porém de cada criança morta sai um fuzil com olhos,
porém de cada crime nascem balas
que um dia encontrarão o seu coração.

E vocês perguntam: por que os poemas dele
não falam de sonhos e de folhas
e dos grandes vulcões de sua terra natal?

Venham e vejam o sangue pelas ruas,
venham e vejam o sangue pelas ruas,
venham e vejam o sangue
pelas ruas!

Ao citar o poema de Neruda, eu não estou comparando a Espanha republicana com o Iraque de Saddam Hussein. Cito Neruda porque em parte alguma da poesia contemporânea eu li uma descrição tão poderosa e visceral sobre o bombardeio de civis.

Eu disse antes que os Estados Unidos colocam hoje abertamente as cartas sobre a mesa. Sua política oficial declarada é definida agora como "dominância total do espectro". A expressão não é minha, é deles. "Dominância total do espectro", ou "dominação em todos os campos", significa o controle da terra, do mar, do ar e do espaço e de todos os recursos associados.

[A atriz utiliza o globo terrestre.]

Os Estados Unidos ocupam atualmente 702 instalações militares no mundo em 132 países, com a honrosa exceção da Suécia, é claro, que me concedeu o Prêmio Nobel de literatura. Não sabemos exatamente como foi que eles conseguiram, os Estados Unidos, mas eles estão em todos esses lugares.

[A atriz comenta Harold Pinter.] Em 2018 os Estados Unidos ocupavam cerca de 800 bases militares em 177 países. Eles não são confiáveis. Os dados.

[Voltando a ser Harold Pinter.] Os Estados Unidos possuem 8.000 ogivas nucleares ativas e operacionais. Duas mil estão em estado de alerta, prontas para serem lançadas em 15 minutos.

Milhões de pessoas nos Estados Unidos estão visivelmente enojados, envergonhados e exasperados com as atitudes do governo do seu país, mas por enquanto eles não formam uma força política coerente.

Eu sei que o presidente dos Estados Unidos tem escritores de discurso extremamente competentes, mas eu gostaria de me apresentar voluntariamente para o trabalho. Proponho a transmissão pela TV do seguinte discurso à nação. Eu vejo o presidente com ar grave, o cabelo cuidadosamente penteado, sério, vencedor, sincero, muitas vezes sedutor, às vezes com um sorriso malicioso no rosto, curiosamente atraente, um homem de verdade.

"Deus é bom. Deus é grande. Deus é bom. Meu Deus é bom. O Deus de Bin Laden é mau. O dele é um Deus malvado. O Deus de Saddam era mau, embora ele não tivesse um. Ele era um bárbaro. Nós não somos bárbaros. Não cortamos a cabeça das pessoas. Acreditamos na liberdade. Deus também acredita. Não sou bárbaro. Sou um líder eleito democraticamente de uma democracia amante da liberdade. Somos uma sociedade com compaixão. Eletrocutamos com compaixão e administramos injeções letais com compaixão. Somos uma grande nação. Não sou um ditador. Ele é. Não sou um bárbaro. Ele é. E ele é. Todos eles são. Eu tenho autoridade moral. Estão vendo este punho? Esta é minha autoridade moral. Não se esqueçam disso."

[A atriz comenta Harold Pinter.] A verdade, no teatro, nem sempre é ilusória. Ilusório, sempre, é só o teatro. Ou não.

[Voltando a ser Harold Pinter.] A vida de um escritor é uma atividade muito vulnerável e praticamente nua. Não temos de chorar por causa disso. O escritor faz sua escolha e fica preso a ela. Mas é verdade que você está aberto a todos os ventos, alguns deles bem gelados. Você está por si mesmo, no limbo. Você não encontra nenhum abrigo, nenhuma proteção - a menos que esteja mentindo.

[Sons: barulhos 7 conversa inglês.]

V.

[A atriz tira parte do figurino de Harold Pinter. Por baixo usa uma camiseta com o logotipo da Shell, talvez em chamas.]

Eu falei da morte algumas vezes esta noite. Vou citar agora um poema de Harold Pinter intitulado *Morte*:

[A atriz pode utilizar o figurino de Harold Pinter como referência ao corpo morto.]

Onde foi encontrado o corpo morto?

Quem encontrou o corpo morto?

O corpo morto estava morto quando foi encontrado?

Como foi encontrado o corpo morto?

Quem era o corpo morto?

Quem era o pai ou a filha ou o irmão
ou o tio ou a irmã ou a mãe ou o filho
do corpo morto e abandonado?

O corpo estava morto quando foi abandonado?
O corpo foi abandonado?
Por quem ele foi abandonado?

O corpo morto estava nu ou vestido para uma viagem?

O que o levou a declarar o corpo morto como morto?
Você declarou o corpo morto como morto?
Quanto você conhecia o corpo morto?
Como você soube que o corpo morto estava morto?

Você lavou o corpo morto?
Você fechou seus olhos?
Você enterrou o corpo?
Você o deixou abandonado?
Você beijou o corpo morto?

Quando nós nos olhamos no espelho, achamos que a imagem que nos confronta é verdadeira. Mas se nos movermos um milímetro, a imagem muda. Estamos, na verdade, olhando para um conjunto infinito de reflexos. Mas às vezes, o escritor tem de quebrar o espelho - porque é do outro lado que a verdade nos encara.

É do outro lado que a verdade nos encara.

Em 2013 eu recebi o Prêmio Shell de melhor atriz pela atuação em *Morro como um país*. A peça discutia, entre outros temas, a ditadura brasileira que começou com o golpe de 1964 e a existência de um "estado de exceção permanente". Nossas referências mostravam as violências praticadas, na maior parte das vezes, em nome da fé, da família, da propriedade, da ordem, da democracia, do progresso.

Na entrega do prêmio, depois dos agradecimentos, eu mencionei um texto do escritor uruguaio Eduardo Galeano. O texto dizia o seguinte:

"No início de 1995, o gerente geral da Shell na Nigéria explicou assim o apoio de sua empresa à ditadura militar naquele país: 'Para uma empresa comercial, que se propõe a realizar investimentos, é necessário um ambiente de estabilidade. As ditaduras oferecem isso'".

[Pausa.]

Vejam que aqui eu, Fernanda Azevedo, acabei de reproduzir as palavras do diretor da Shell, citadas por Eduardo Galeano, que eu, Fernanda Azevedo, utilizei na entrega do Prêmio Shell de teatro. E isso agora faz parte da peça Os

grandes vulcões, escrita a partir de um texto de Harold Pinter, "Arte, verdade e política", que foi exibido na entrega do Prêmio Nobel de literatura.

E agora, eu acabei de dizer este texto, ele foi dito pela atriz Fernanda Azevedo, talvez interpretando um papel.

[Pausa.]

A Shell, que patrocina o Prêmio de teatro, e que também patrocinou a ditadura brasileira, não gostou do discurso.

Diferente de Harold Pinter, eu considero que artistas e políticos talvez não sejam tão diferentes. Existem artistas e políticos conservadores, alguns de extrema direita. E também artistas e políticos progressistas, alguns de esquerda, revolucionários. Existem artistas e políticos mentirosos, e também artistas e políticos que se esforçam em dizer a verdade.

Chegou a hora. De voar.

[Música A caminhar, Fiero.]

Assim como Pinter eu também quero apresentar um poema, de Bertolt Brecht. Um artista. Um comunista vivendo sob o stalinismo. Um poema sobre o que ainda não existe. *O alfaiate de Ulm:*

«Bispo, eu posso voar»,

Disse o alfaiate ao bispo.

«Veja como eu faço isso!»

E ele subiu com essas coisas

Que o galo tem para balançar

Até o grande telhado da igreja.

O bispo não ligou:

«Tudo isso é um disparate,

O homem não é um pássaro

Nunca um homem vai voar».

Disse o bispo ao alfaiate.

«O alfaiate é diferente»,

As pessoas disseram ao bispo.

«Foi uma loucura.

As suas asas estão quebradas
E ele está despedaçado
No chão duro da praça da igreja.»

«Os sinos devem tocar,
Não era mais que loucura,
O homem não é um pássaro
Nunca um homem vai voar.»
Disse o Bispo.

[A atriz recoloca alguma peça do figurino de Harold Pinter.]

Eu acredito que apesar dos enormes obstáculos que existem, a determinação inflexível, inabalável, feroz e intelectual, para definir a verdade *real* das nossas vidas e das nossas sociedades é uma obrigação que cabe a todos nós. É, na realidade, algo imprescindível.

Se essa determinação para definir a verdade não está incorporada na nossa visão política, não há esperança de restaurar o que está quase perdido para nós - a dignidade humana.

[A atriz tira parte do figurino de Harold Pinter.]

Ou melhor:

Se tal determinação não está incorporada na nossa visão política, não há esperança de instaurar para todos e todas o que ainda nunca tivemos - a dignidade humana.

[Música Internacional, versão de Toni Babino. A atriz canta parte da letra, mostra uma almofada para o público. Então faz referência a ser Harold Pinter, como no início, e agradece.]

Obrigado. Meu nome é Fernanda Azevedo. E eu sou um escritor, prêmio Nobel de Literatua.